

UMA CASA NO PARQUE

a saga da tartaruga



Ilustrações
Maíra Vaz Valente

Texto
Michele Navarro
Paula Pedroso





UMA CASA NO PARQUE

a saga da tartaruga



Ilustrações
Maíra Vaz Valente

Texto
Michele Navarro
Paula Pedroso



UMA CASA NO PARQUE
a saga da tartaruga

Capa e ilustrações
Maíra Vaz Valente

Texto
Michele Navarro
Paula Pedroso

Diagramação e edição de imagens
Paula Pedroso

Revisão geral
Valéria Rocha

Revisão final
Lígia Helena



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

C334 Uma casa no parque [recurso eletrônico] : a saga da tartaruga /
Maíra Vaz Valente, Michele Navarro, Paula Pedroso. – Santo
André, SP: Secretaria de Cultura do Município de Santo André,
2020. – (Uma casa no parque; v. 1)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-65-5872-045-4

1. Ficção brasileira. 2. Literatura infantojuvenil. I. Valente, Maíra
Vaz. II. Navarro, Michele. III. Pedroso, Paula.

CDD 028.5

Elaborado por Maurício Amormino Júnior - CRB6/2422

Dedicamos este livro a Valdira Correia Miranda de Medeiros.

Publicado em 2020, ano em que celebramos os 30 anos da EMIA Aron Feldman.

Agradecemos a todos que colaboraram para a feitura deste livro.



Apresentação

No momento em que comemoramos 30 anos da Escola Municipal de Iniciação Artística Aron Feldman (EMIA) e da Escola Livre de Teatro (ELT), um desafio se coloca para os gestores culturais: a continuidade de políticas estruturantes em paralelo à permanente atualização, à dinamização de projetos, à publicização de objetivos, com diálogo e transparência. Enfrentar esses desafios é fortalecer a legitimidade desses projetos tão importantes na história das políticas culturais de Santo André. Num mundo de velozes transformações, as escolas da Secretaria de Cultura de Santo André buscam aprender a cada dia os novos caminhos dessa longa jornada. Na EMIA se formaram gerações, políticas públicas se tornaram exemplo, agregaram-se trajetórias de cidadãos e servidores. Mesmo com feitos tão importantes, o encontro das subjetividades é a marca da EMIA. A Escola traz em sua essência a perspectiva lúdica da criança e também a forma tão contemporânea de integrar linguagens artísticas, romper limites e criar novas possibilidades de expressão. A EMIA faz uso de técnicas artísticas específicas e busca mais que o virtuosismo: quer a expressão sensível e criativa do indivíduo e da coletividade.

Simone Zárate
Secretária de Cultura

A Emia Aron Feldman carrega esse nome em homenagem a um grande artista. Aron Feldman nasceu em 1919, na cidade de Quatro Irmãos - RS, e se tornou um grande artista da fotografia e do cinema brasileiro. Ainda jovem, de forma autodidata, estudou e pesquisou sobre essas duas linguagens artísticas. Na área da fotografia participou e foi premiado em vários países, chegando a montar um fotocineclube em Bauru, cidade do interior paulista. Seu primeiro filme foi "Pinceladas", produzido em 1957, e contava com a participação dos familiares nas atuações, o que acabou se tornando uma marca registrada dele. Feldman mudou-se para Santo André, SP, em 1959, onde pode realizar muitos trabalhos e onde se tornou o cineasta mais conhecido da região do Grande ABC. Seu último filme foi "Afogados" de 1992, premiado no Japão. Aron Feldman morreu em 1993, aos 75 anos de idade. O centenário de seu nascimento foi comemorado com orgulho pela cidade de Santo André e pela Escola Municipal de Iniciação Artística que leva o seu nome, em 2019, num evento com a presença dos seus filhos, Ida e Cláudio Feldman.

Diaulas Ullysses
Coordenador da Escola Livre de Cinema e Vídeo

Lamparinas em caixinhas de leite

por Lígia Helena

Sou moradora de Santo André desde que nasci. Tenho 36 anos. Ela, a EMIA, comemora seus 30 em 2020. Eu sou mais velha, mas EMIA já nasceu senhora, me carregou nos braços, cuidou do meu brincar, me apresentou o jogo de ser outra, outro, outre: o teatro. Lá nos idos de 1995, eu tinha 11 anos, a grande Casa Amarela do parque Regional do bairro Jaçatuba - o Parque Regional da Criança Palhaço Estremilique, lugar em que eu aprendi a andar de bicicleta, a subir em árvores e a namorar, se apresentou para mim como um lugar em que eu podia ser, sem restrições, o que eu quisesse ser.

Vinte e três anos depois, em 2018, Arthur, meu filho, aos cinco anos, atravessou o portal do espaço onde ser um dragão ou passar as tardes a buscar seus ovos é mais que permitido: é a lei. Importante contar que no entre destes anos, em 2005, ingressei como aprendiz na Escola Livre de Teatro e que em 2019 me tornei professora desta mesma escola.

Início esta apresentação com esta narrativa pessoal não para falar de mim, mas para que se possa visualizar na minha fala que tipo de traçado na linha da vida de um cidadão ou cidadã uma Política Pública de Cultura nascida de um projeto de *cidadania cultural*¹ e *democratização da cultura*, mantido ao longo de trinta anos na mesma cidade, pode desenhar.

EMIA e ELT, projetos fundantes de uma política cultural que pretendia a cultura não como mercadoria, mas como um movimento estruturante das relações humanas e dos modos de ser e estar no mundo, se tornaram referências não apenas para projetos dentro da própria cidade (Escola Livre de Dança, Escola Livre de Cinema e Vídeo, antigo EMIA Cidade, atual Programa Territórios de Cultura), mas também para o Estado de São Paulo e até para o Brasil.

Mais do que isso, abriram a possibilidade para uma nova forma de pensar a educação da infância e juventude no ABC, sempre tão pautados pela lógica da formação industrial e administrativa, para servir aos conglomerados industriais e comerciais que ocupavam a cidade. EMIA, Territórios de Cultura e Escolas Livres projetam no trilho de quem caminha por aqui uma formação artística de ponta a ponta: infância, adolescência e juventude - iniciação, aprofundamento e formação. Lindo seria a cidade toda ter conhecimento destas estações em que o trem não passa.

Meus pais, quando chegaram em Santo André nos anos 60/70, não imaginavam um dia ter um espaço público, uma casa encantada, uma escola sem carteiras, em que o caderno fosse argila, massinha, chão, e a caneta fosse tinta,

¹ CHAUI, Marilena. *Cidadania Cultural: o direito à cultura*. São Paulo: Perseu Abramo, 2006.

folhas, tijolo. Falo aqui da EMIA em especial: naquela Casa ninguém está interessado em fazer *oficininha*, ocupar o tempo vazio da criança. Há, antes de tudo, o vínculo - estruturado pelo afeto e pela escuta entre professores e aprendizes - e, em seguida, a preocupação em promover processos artísticos em que a subjetividade possa ser acionada: a liberdade de imaginar outros mundos e aprender a sonhar.

Que ninguém se engane, há muitos braços, muitos Zecas, Rosanas, Silvi- as, Beths, Micheleles, Reco-recos, muitos e muitas que garantiram esta existência, muitos abraços, de pais, mães, vizinhos, alunos que viraram pais, alunas que viraram mães. Abraçar a escola-casa, não deixar que as mãos do Estado, que, por vezes, não entende cultura como direito, a tome de nós: canjica, festas, lamparinas em caixinhas de leite. Que o fogo que *queimou o alfabeto*² em 1990 nunca se apague, pra que nunca se apague a esperança de que podemos sonhar outros possíveis.

Ao decidir comemorar estes trinta anos não com uma publicação formal de acontecimentos, números e planos pedagógicos, mas com a saga da tartaruga Uga e seu desejo de estar entre as crianças, a equipe da EMIA segue desenhando outros sonhos, narrando, a partir do imaginário infantil, do acesso às nossas subjetividades e afetividades, o impalpável da experiência de ser aluno/aluna/alune desta casa-escola-parque. Uma leitura cheia de memórias pra quem, como a Uga, já fez arte, fez amigues, tocou dó ré mi fá sol lá si sim, pintou, bordou e rabiscou, e um despertar de desejos pra quem ainda não conheceu da Dona Êmia, não brincou e deslizou com massinha e barro e não abriu o portal de vidro.

Feliz trinta para a EMIA e ELT! Por outros trinta anos de entrelaçamentos de histórias pessoais e coletivas! Uma ótima aventura para os leitores e as leitoras!

Lígia Helena é atriz e arte-educadora.

Integrante da *Cia. Estrela D'Alva* desde 2005 e coordenadora do Núcleo de Iniciação Teatral da ELT (2019), formou-se em teatro pela Escola Livre (2008) com iniciação nas artes através da EMIA Aron Feldman (1995).



² Alusão ao texto “O Alfabeto pegou fogo”, que versa sobre o ensino de artes em Santo André: FRATESCHI, Celso. MOREIRA, Altair José. Introdução. IN: O Alfabeto pegou fogo: ensino das artes em Santo André. Prefeitura Municipal de Santo André. Santo André: PMSA; Secretaria Municipal de Educação, Cultura e Esportes, 1992.



UMA CASA NO PARQUE

a saga da tartaruga

Naquele dia, chovia, chovia, chovia.

E atrás do atrás do baú das fantasias,
a nossa amada Dona Êmia
encontrou uma antiga fotografia.

Mas quem fo-to-gra-fa-ri-a e por que guar-da-ria
o retrato de um ovo?

Ôxi! Aquele não era um ovo qualquer, não!
Um ovo de comer com pão ou arroz com feijão.

Preste bem atenção:
Dentro desse retrato empoeirado mora a incrível história
de uma casa que virou escola.

E, daquele ovo amarelo com ar de mistério,
Tcharan!
Nascia Uga, a tartaruga!

Hã? Hein? Quem?

A personagem principal dessa história, ora, ora, ora!

Para entender melhor esta narrativa
é preciso voltar um pouco no tempo.
Uns 10 + 10 + 10 igual a trrrrrrinta!

Vamos lá! Convide sua imaginação para passear
no passado de anos e anos e anos atrás.

Naquele dia choveu, choveu, choveu.





Lá fora a luz era cinza,
a brisa era fria,
As folhas estavam molhadas
e a terra eSSSSSScorregadia.

Um filete de sol surgia e Êmia, a fotógrafa das tardezinhas,
se pôs a clicar as marcas deixadas pela natureza
em volta de sua casinha.

Eram tantas as belezas e surpresas no caminho:
— Olha que bonito! — Êmia dizia.

Clic, Clic, Clic! — a máquina fotográfica sorria.

Mas, ops! O que é isso?
Será que são ovos de galinha?

— Estranho... Nunca vi galo nenhum cantar por aqui.

Chegou ainda mais perto e ouviu outro **clic**,
que não vinha da máquina não.

Plic! Plac! Plect!

E então...

Uou! A casca do ovo se quebrou!

Não era nenhum pintinho, nem passarinho e nem coruja.
Que bicho será que há por detrás desses olhinhos?

Opa!

Era Uga, a tartaruga!

Êmia deu uma grande gargalhada,
coisa que sempre fazia
quando algo inusitado acontecia.

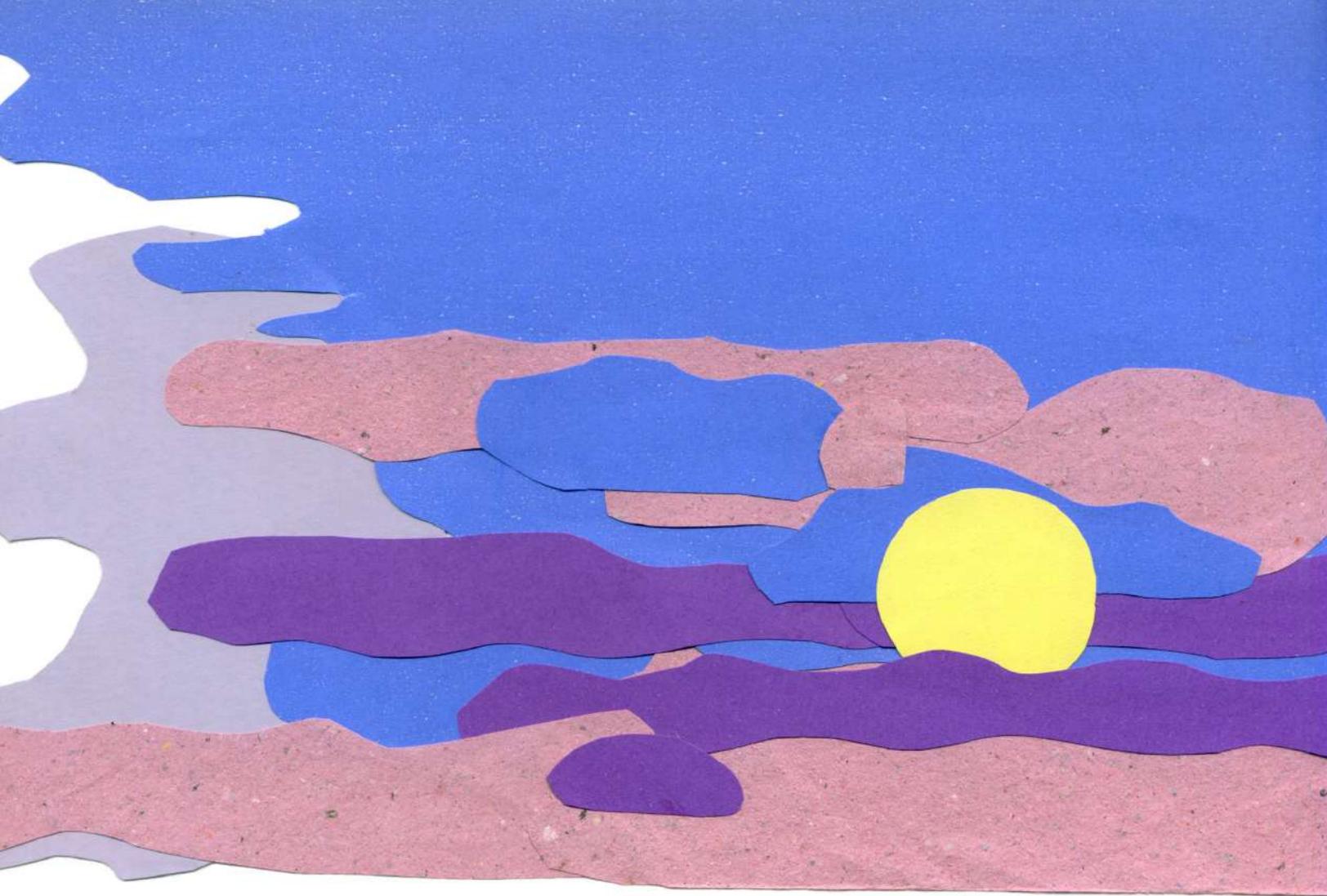
E no mais alto do alto do alto do agudo da sua risada
caiu novamente uma tremenda chuvarada!



Com muita paciência e um belo guarda-chuva,
Êmia acompanhou os primeiros passos conquistados
pela pequena Uga.

Passinho a passinho, bem devagarinho,
Uga, curiosa, foi seguindo seu rumo
em direção ao sul.

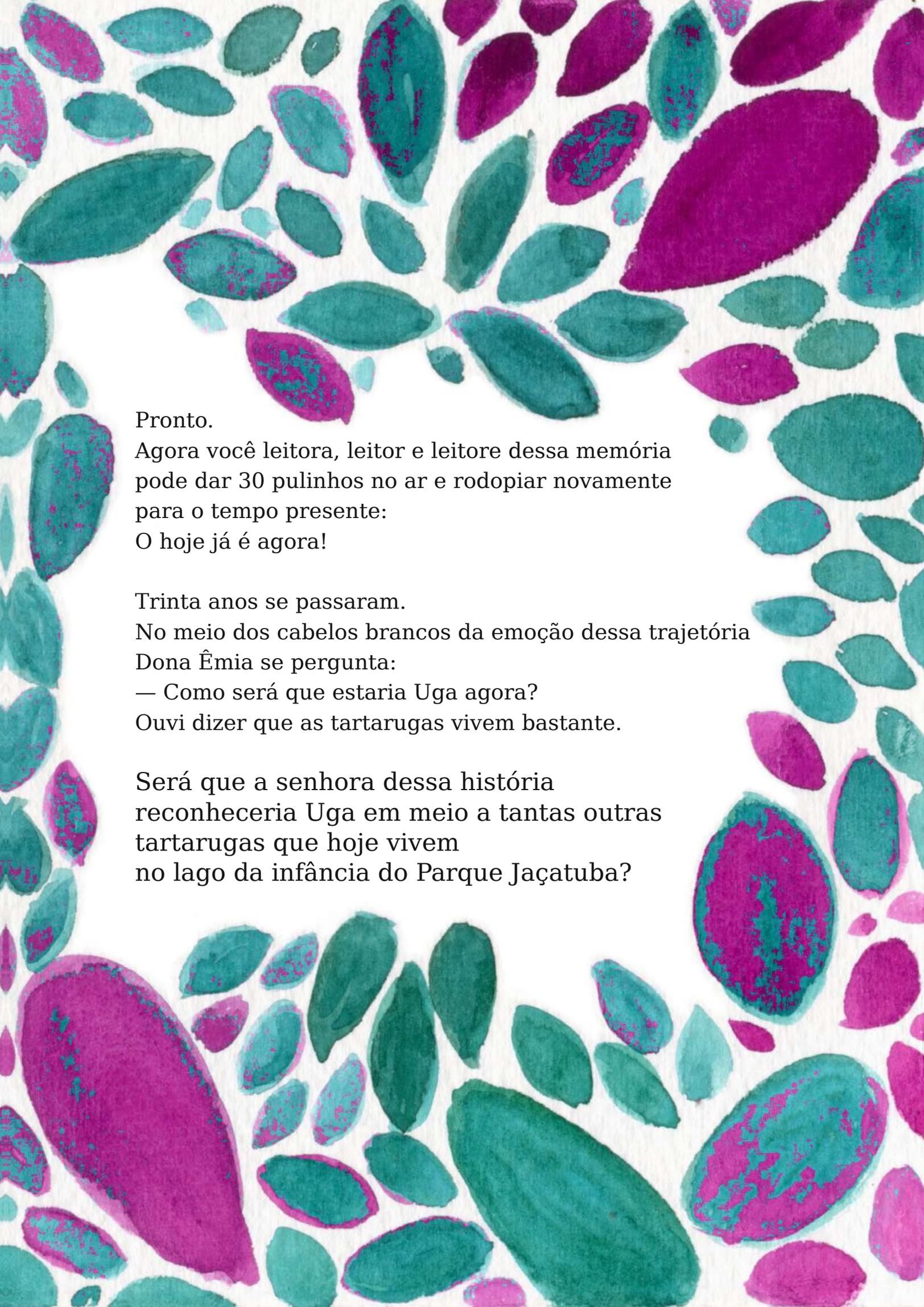




A estiagem então se abriu
e o céu coloriu de rosa e azul o caminho das duas
que se apontava como uma estrada láááááá pra baixo,
do outro lado do rabo do parque.

Êmia sorriu e se despediu:
— Foi um prazer te ver nascer, tartaruginha.
A Natureza é tão sabida!
O sol é o seu guia, minha amiga.
Você já pode caminhar sozinha.



A decorative border of stylized leaves in various shades of green and purple, scattered across the page. The leaves are of different sizes and orientations, creating a dense, organic pattern.

Pronto.

Agora você leitora, leitor e leitore dessa memória
pode dar 30 pulinhos no ar e rodopiar novamente
para o tempo presente:
O hoje já é agora!

Trinta anos se passaram.

No meio dos cabelos brancos da emoção dessa trajetória
Dona Êmia se pergunta:

— Como será que estaria Uga agora?

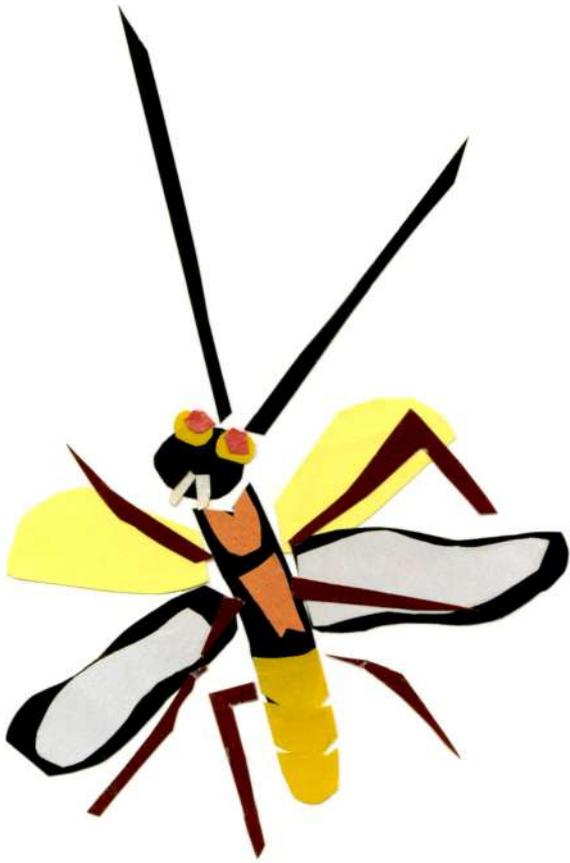
Ouvi dizer que as tartarugas vivem bastante.

Será que a senhora dessa história
reconheceria Uga em meio a tantas outras
tartarugas que hoje vivem
no lago da infância do Parque Jaçatuba?

Tomando sol, como era de costume,
a tartaruga Uga, sobre a pedra,
esticou o seu pescoço
e perguntou ao vaga-lume:

— *Que som é esse que ouço?*





— Ah, Uga! Tenta adivinhar.
Não é o cantarolar do sabiá,
e nem o chamado do bem-te-vi.
Não é o estacar do pica-pau,
muito menos o grito do sagui.
O que será que será?

— *Já sei... São as Mara-maritacas Superanimadas!*

— Não, Uga. Parece, mas não é.
Isso é barulho de risada de gente.
Aposto que é o Alfredo
fazendo piada com as crianças lá de cima novamente.

— *Ai, vaga-lume Ume eu queria tanto tanto tanto
subir lá pra ver.*

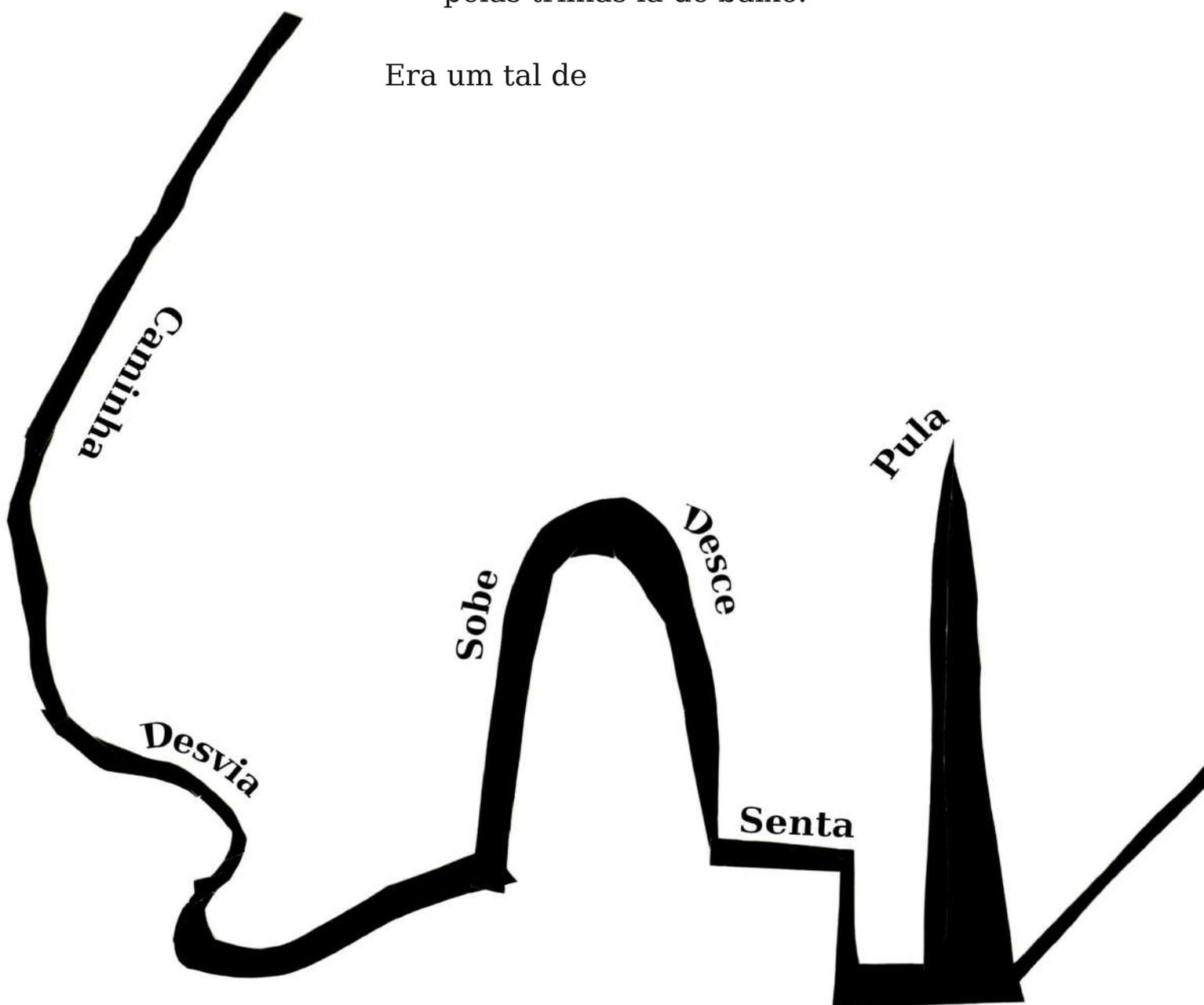
— Ô minha amiga, até você chegar lá já será
outro outro outro dia.
É sol demais nessa careca. Sossega o facho, menina.
Vá curtir uma sombrinha. Tira uma soneca.
Já, já desce o estardalhaço do palhaço Alfredo,
e lá se vai nosso merecido sossego.



O senhor vaga-lume tinha razão.
Naquele mesmo dia, foi dito e foi
feito:

Chegada a tardinha,
Alfredo, de fato, despediu-se
das crianças lá de cima,
E partiu para sua tradicional voltinha
pelas trilhas lá de baixo.

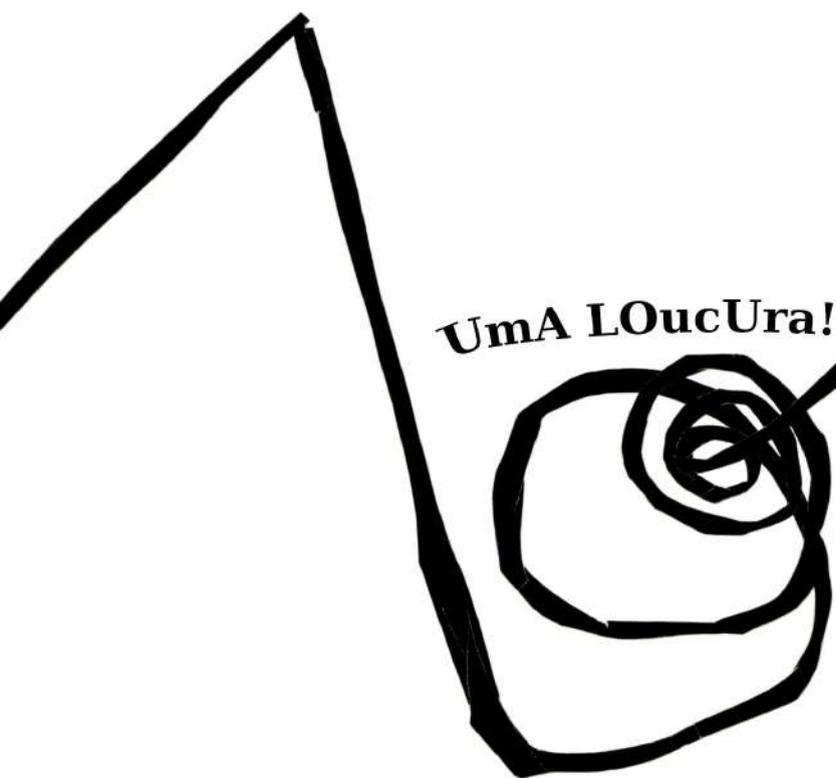
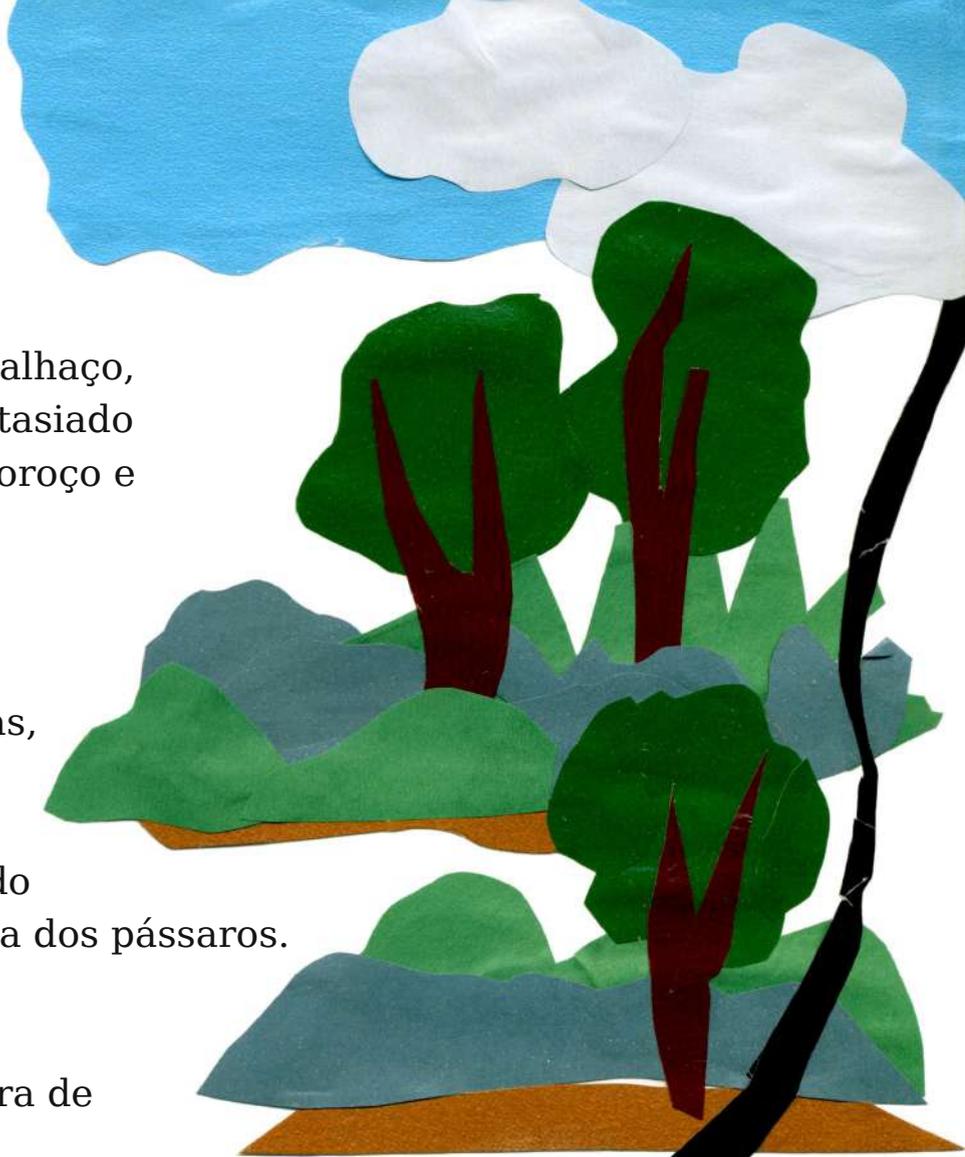
Era um tal de



Alfredo era mesmo um palhaço,
Nem precisava estar fantasiado
para agir com graça, alvoroço e
estardalhaço.

Era um tal de
“boa tarde!” anasalado
nas orelhas das bromélias,
uma cantoria desafinada
nas raízes das figueiras,
e aquele batuque salteado
com os sapatos para cima dos pássaros.

Uma verdadeira orquestra de
comédias!





Ao se aproximar mais do lago,
Dessa vez, Uga não se conteve e gritou lentamente:

— *Moouooooço, moouooooço. moouooooço!*

Alfredo, intrigado, olhou de um lado, de outro e mais outro
e ainda outro
e não via nada.

— *MOOOÇO, MOOÇO, MOÇO!* – agora mais alto e um
pouquinho mais rápido.

Nadica de nada.

Alfredo assustou. Achou até que era coisa de alma penada.
— Ora, isso não tem graça! – e foi logo apertando o passo,
ressabiado.

— *Ei, aqui! Não vale fugir, hein?*

Eu não morde, moço. (Na verdade ela morde, mas era melhor
não dizer.)

— *Eu estou bem aqui, perto de você!*

— Onde, aonde, d'onde, minha gente?

— *Advinha, espertalhão!*

Vou dar uma dica:

eu não sou gente não...

Preste atenção:

sou um réptil pacato que vive no lago.

*E não venha me confundir com o sapo, que esse aí é anfíbio,
um outro tipo de bicho, todo cheio de papo.*

— Já sei! Achei! Na pedra.

Olá, tartaruga sapeca.

Me parece que a senhorita também é boa de prosa e de rima.

Qual é o seu nome, minha querida?

— *Sou Uga, a tartaruga.*

Os dois caíram numa gargalhada engraçada e comprida.

— Pois bem, e eu sou o Alfredo,

Alfredo sem medo, da cor do azedo.

Muito prazer!

Mesmo sem entender nada daquele jogo de palavras sem sentido, Uga respondeu:

— *O prazer é todo meu.*

— *Veja bem, seu Alfredo, eu vou logo direto ao assunto: gostaria de saber se o senhor poderá me responder de onde raios é que vem aquela barulhada lá de cima.*

— A senhorita, por acaso, estaria incomodada?

— *Imagina! Que nada!*

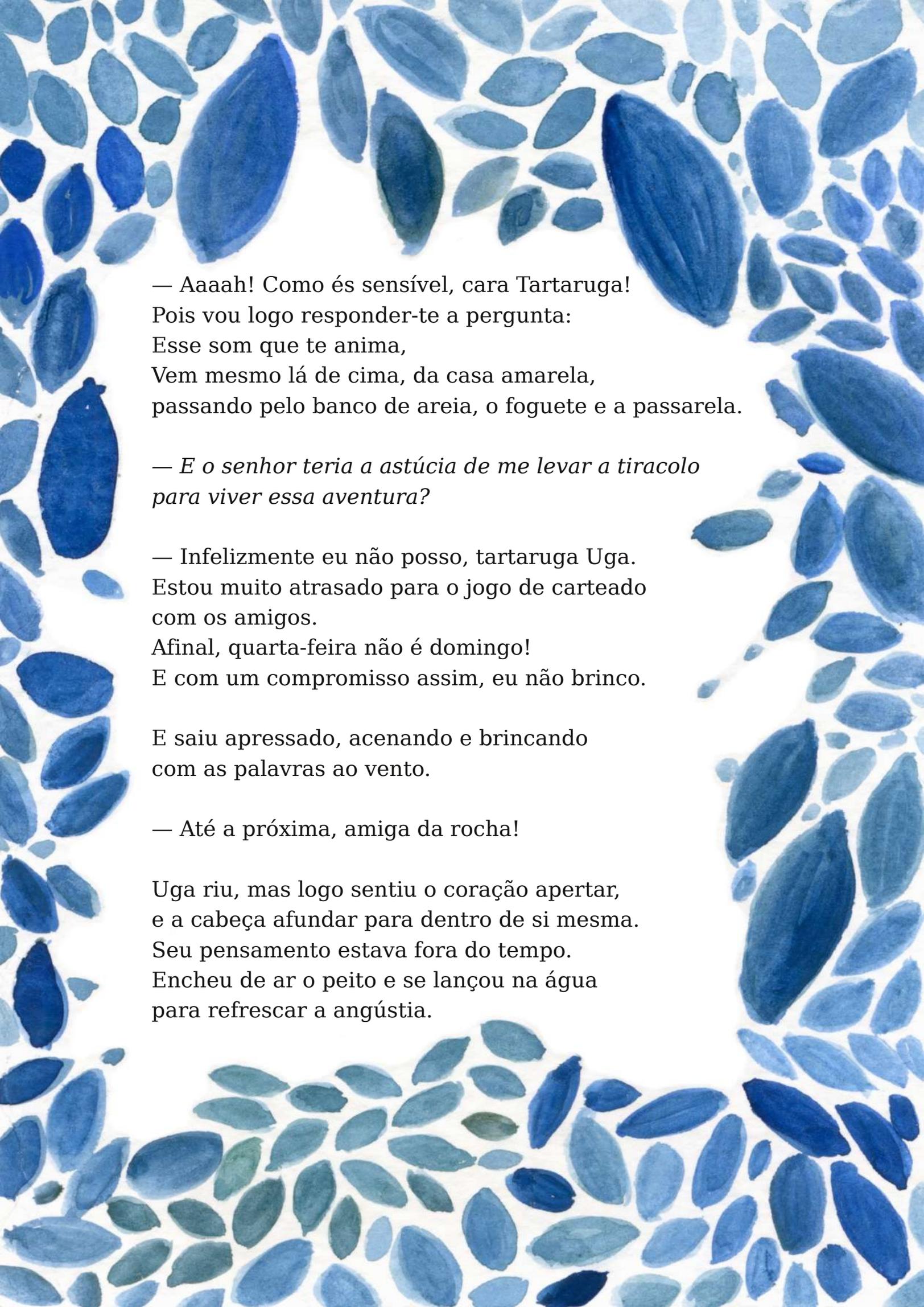
Eu diria que estou encantada.

É um som ruidoso bastante curioso, tão diferente das cantigas do lago...

Cada vez que ouço, chega a me dar cócegas no casco.







— Aaaah! Como és sensível, cara Tartaruga!
Pois vou logo responder-te a pergunta:
Esse som que te anima,
Vem mesmo lá de cima, da casa amarela,
passando pelo banco de areia, o foguete e a passarela.

— *E o senhor teria a astúcia de me levar a tiracolo
para viver essa aventura?*

— Infelizmente eu não posso, tartaruga Uga.
Estou muito atrasado para o jogo de carteadado
com os amigos.
Afiml, quarta-feira não é domingo!
E com um compromisso assim, eu não brinco.

E saiu apressado, acenando e brincando
com as palavras ao vento.

— Até a próxima, amiga da rocha!

Uga riu, mas logo sentiu o coração apertar,
e a cabeça afundar para dentro de si mesma.
Seu pensamento estava fora do tempo.
Encheu de ar o peito e se lançou na água
para refrescar a angústia.





sanitários

labirinto

passarela

lago das tartarugas

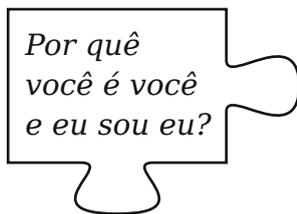
EMIA

trilha

quadra de tênis



Dia após dia, aprendendo a ouvir os sons
que vinham de toda parte
e a mergulhar os sentimentos na água fresca,
a nossa amiga Tartaruga Uga ia crescendo
e se tornando uma figura pública cheia de perguntas.

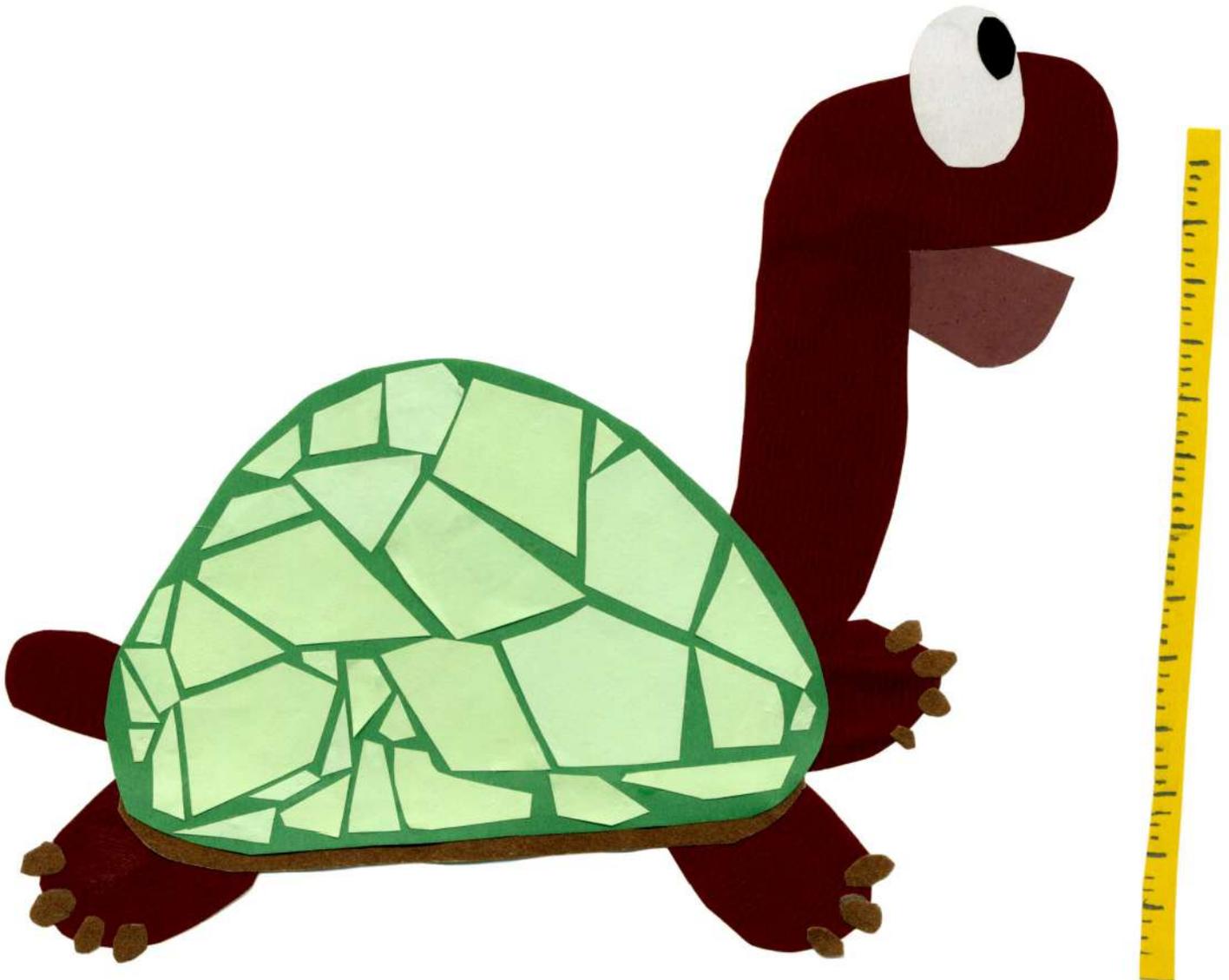


Perguntas de todo tipo, difícil de responder.

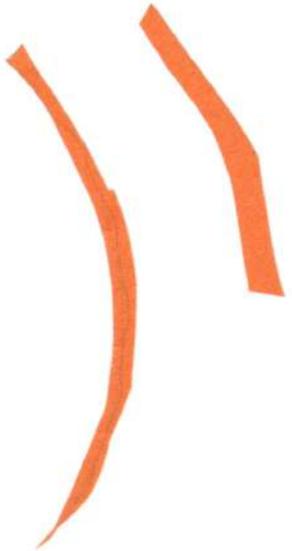
Até que um dia,
em meio a um de seus devaneios,
Uga foi surpreendida por um grito:

— **Eia!**

Sentiu o coração palpitar.
O som que vinha lá de cima parecia balançar.







Um chacoalhar de sementes
fazia o grito ecoar:

Schiqui schiqui cha EIA

Schiqui schiqui bum AAU

Schiqui schiqui plá AIA

Schiqui schiqui TUM

UooooooooOOOO PUM.

E a risada das crianças lá de cima se expandia
E tudo se repetia.

Era um tal de

Schiqui plá schiqui tum

Ziriguidum e hahahá...

Uma vibração positiva sem medida.



The image features a dense arrangement of watercolor-painted leaves on a white background. The leaves vary in size, shape, and color, including shades of green, yellow, orange, brown, and blue. Some leaves are large and prominent, while others are small and scattered. The colors are soft and blended, giving the impression of natural foliage. In the center of the page, there is a block of text in a simple, black, sans-serif font.

Uga muito hipnotizada
foi ganhando coragem e ritmo
e sem perceber foi avançando
em direção à casa amarela,
centímetro a centímetro.

Uga se cansou um tanto, o seu corpo até suava, acredite!
Foi mesmo uma grande jornada.
— *Nossa, estou exausta!*
Deu uma meia volta em torno de si para ver onde estava e...

Plim!

Deparou-se com o triunfo de seu percurso.



— *Uau! Consegui! O lago está lá longe e eu já estou aqui:
no topo do alto do mundo!* – e rasgou um lento grito de
alegriiiiiiiiiiiiiia...
e gastou toda a sua energia.

Entregou-se aos pés de uma pequena escadaria e dormiu
profundamente.



No outro dia, a tartaruga acordou assustada.

"Quem sou? Onde estou? Para onde vou?"

(Às vezes a gente se sente mesmo confuso no meio de um desejo, não é mesmo? Para não se perder é bom se lembrar que o segredo mora nos tambores do peito.)

Uga se espreguiçou, chacoalhou e logo se lembrou:

"gargalhadas da casa amarela – é esse o meu destino!

E eu, que sou eu, que sou Uga, que sou justa, não desisto."

E pôs-se a calcular como seria o deslocar nos degraus de cimento.

Virou-se de um lado pro outro e foi encontrando apoio para mais uma subida que parecia impossível. Firmando-se pouco a pouco, ia encontrando alavancas com o próprio corpo.

Quando chegou aos pés da porta: um desgosto.

A entrada da casa estava acorrentada.

Uma fachada suja, cinza e rosa – eram os tapumes da casa vizinha.

Estava interdita por uma infestação de cupins e ervas daninhas.

A realidade é que Uga ainda não tinha alcançado seu verdadeiro ponto de chegada, mal sabia ela que estava perto, muito muito muito perto, por um triz.

De repente, começou um tremor no solo que fez batucar das patas aos miolos. Um corre-corre desenfreado – muitas crianças se aproximavam!





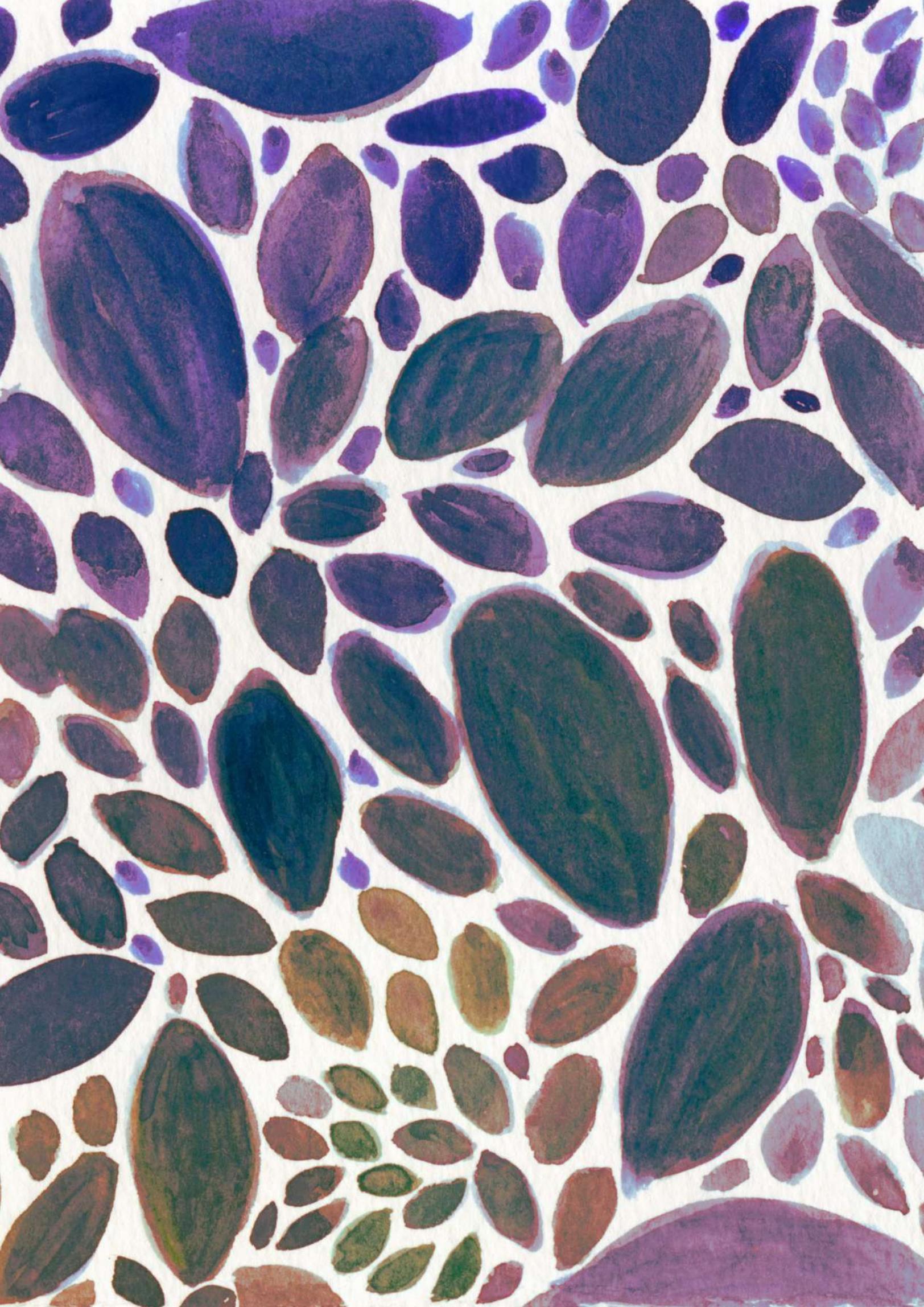
Uga respirou e grudou as patas dianteiras na mureta. Corajosa e super ultra curiosa, ela esticou com toda força seu enrugado pescocinho para ver o que se passava naquele caminho. Num piscar de olhos, Uga logo foi percebida: uma menina agitada apontou o dedo em sua direção – e deu um grito de disparar o coração:

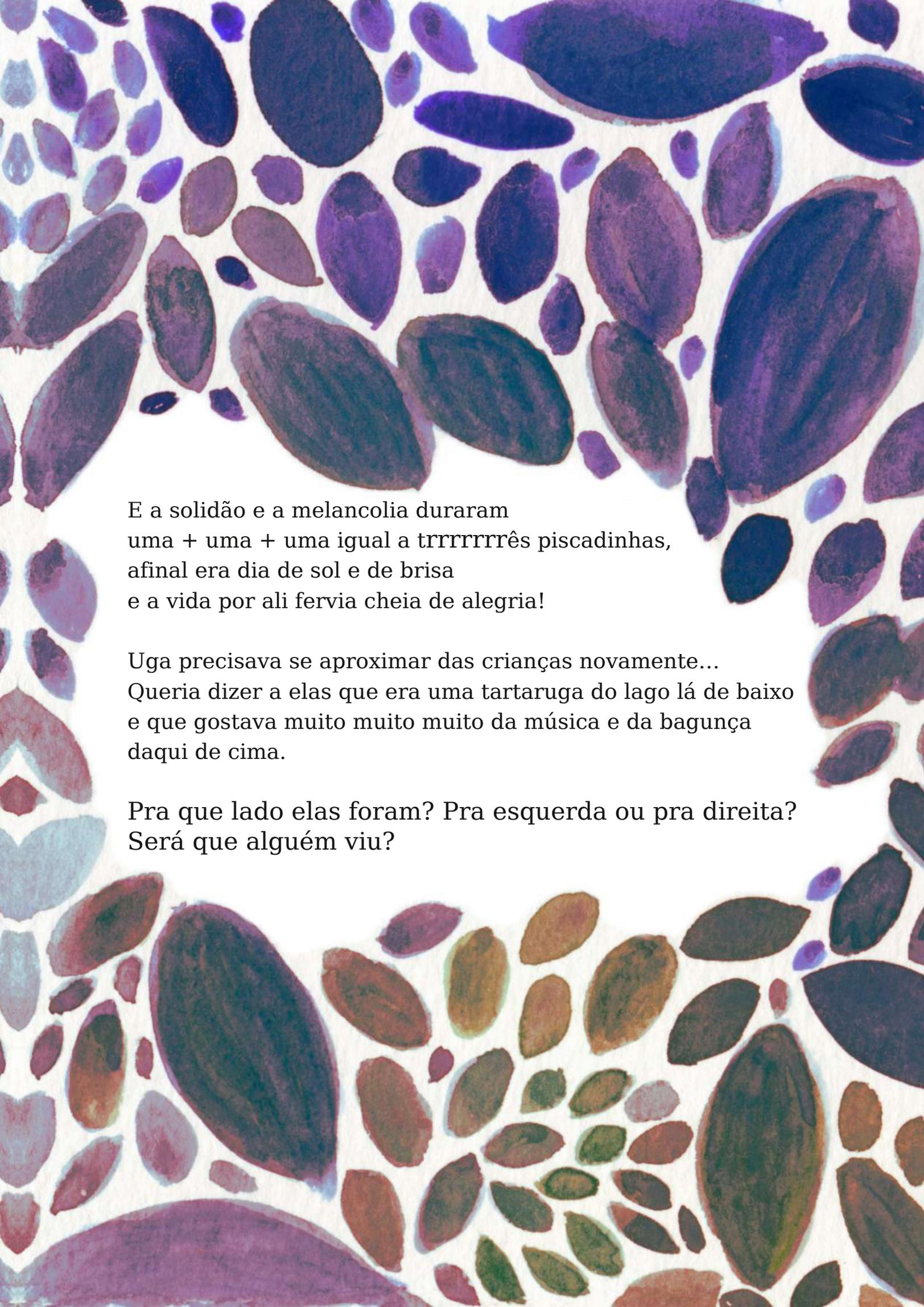
— Olha, A BRUXA!

Todos saíram correndo em nova disparada e confusão.

— *Ei, menina! O meu nome não é bruxa, é Uga!*

Mas ninguém deu ouvidos, só gritos, gritos e gritos. Em poucos minutos, a tartaruga se viu sozinha novamente.





E a solidão e a melancolia duraram
uma + uma + uma igual a trrrrrrrês piscadinhas,
afinal era dia de sol e de brisa
e a vida por ali fervia cheia de alegria!

Uga precisava se aproximar das crianças novamente...
Queria dizer a elas que era uma tartaruga do lago lá de baixo
e que gostava muito muito muito da música e da bagunça
daqui de cima.

Pra que lado elas foram? Pra esquerda ou pra direita?
Será que alguém viu?

Na busca de alguma pista, a tartaruga Uga espiou pelo buraco da parede pra ver se encontrava a tal Bruxa pela qual foi confundida, mas só conseguiu enxergar pedaços de taco, teias e pó.

— *Oi... tem alguém aí?*





Como uma resposta pra lá de inusitada uma aranha pulou na sua cabeça, começou a dançar com todas as suas pernas e todos os seus braços e a cantar com todos os seus sentidos e todos os seus vibratos:

— A dona aranha subiu pela parede veio a chuva forte e a não a derrubou...

Uga quase morreu de susto e de cócegas.
Deu um estremelique no corpo todo que, num passe de circo, saiu rodopiando sem equilíbrio, num misto de aventura, medo e prazer:

*— Dona aranha sua maluca,
pare já com essa música ou vou te chamar de bruxa!*



A aranha imediatamente silenciou e pulou para um lado
Uga pulou para outro e...

(Agora será preciso uma dose especial de imaginação
em câmera lenta pra dar mais emoção ao relato:)

uma corredora bem atlética com ritmo e suor a todo vapor
passava bem nesse momento da história e...

TUC!

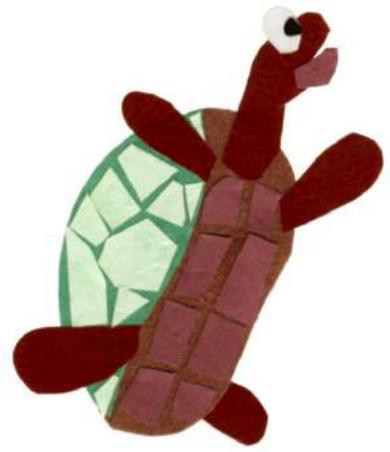
acertou em cheio o casco de **Uh!ga**,
E, como se fosse uma bola de futebol com sede de gol, a nossa
Tartaruga voou!

E, sem querer, assustou o pica-pau, o periquito e o rouxinol.

Flutuou pelos ares acima dos coqueiros,
deslizou abaixo, rente aos telhados e às calhas da casa
amarela,
tentou em vão se agarrar às ervas cidreiras,

(Agora é melhor acelerar essa parte nada singela)

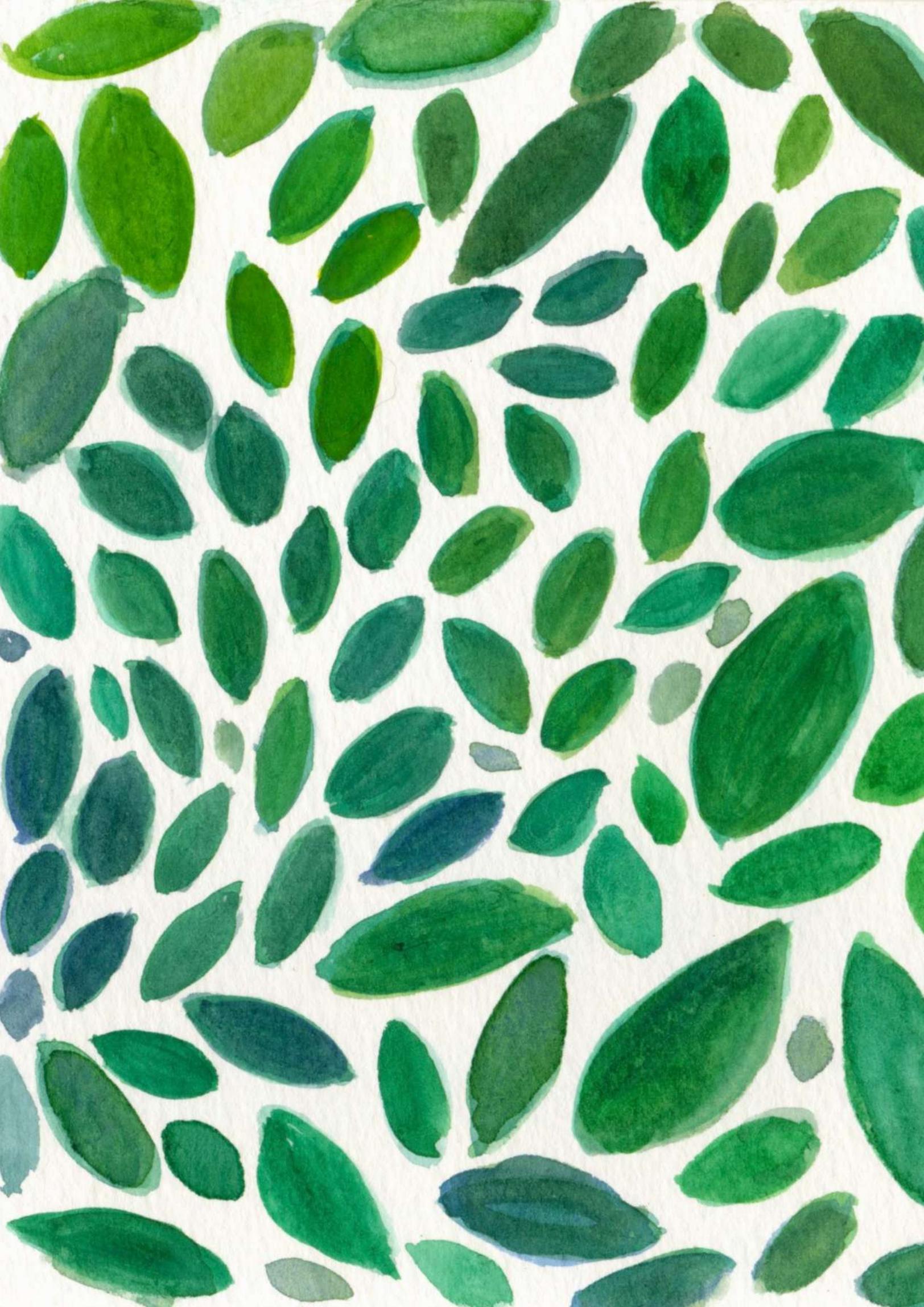


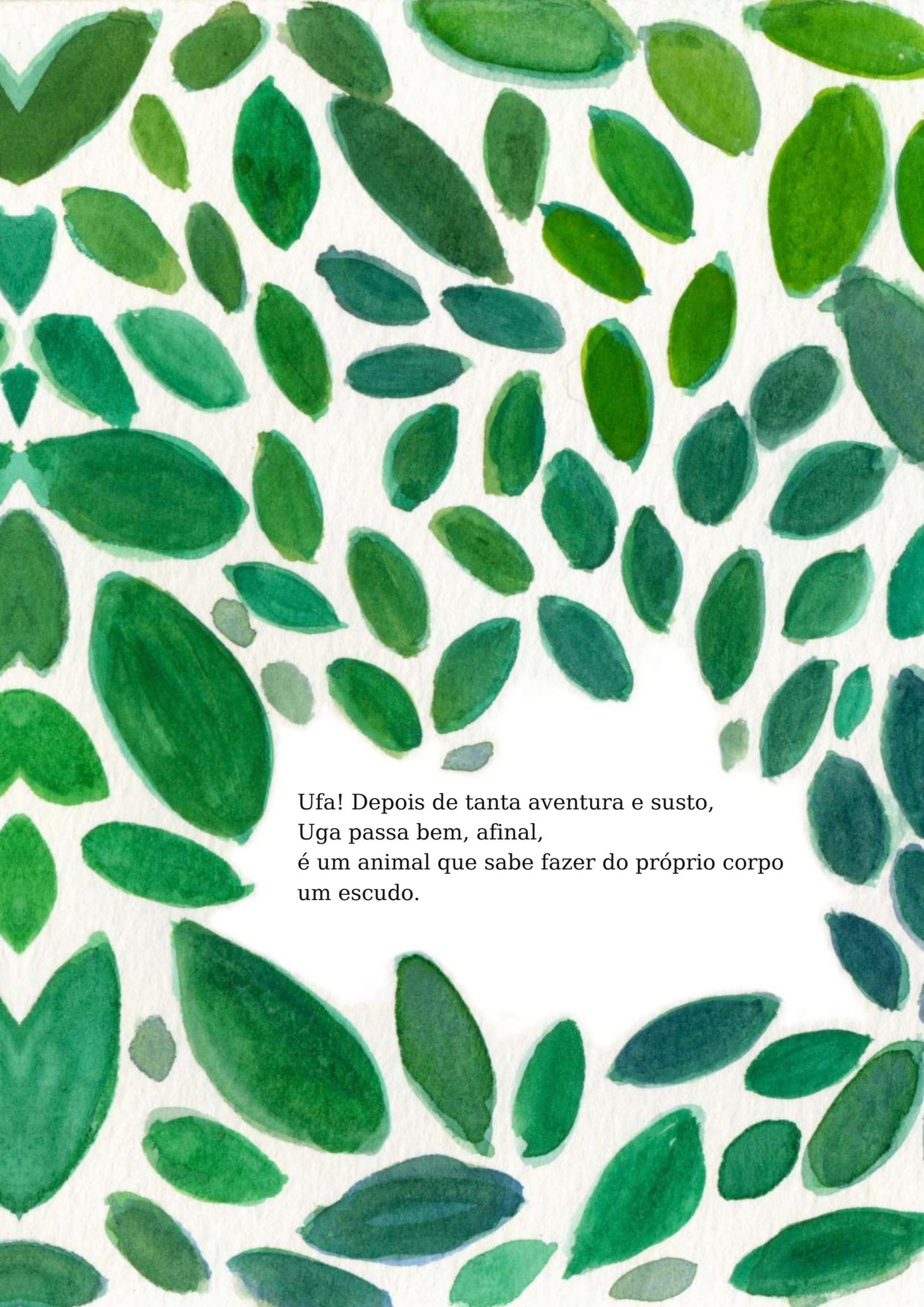




PLÓFT BLEFT BRECHT!

se espatifou aos pés da goiabeira.



The background of the page is a watercolor illustration featuring numerous green leaves and seeds of various shapes and sizes, scattered across a light, textured surface. The colors range from bright, vibrant greens to darker, more muted tones, creating a dense and naturalistic pattern.

Ufa! Depois de tanta aventura e susto,
Uga passa bem, afinal,
é um animal que sabe fazer do próprio corpo
um escudo.



Maria do Socorro, a corredora responsável pelo chute histórico da Tartaruga pelos ares, acolheu a bichinha no colo.

Um grupo de crianças que brincavam de amarelinha com a família a rodeou.

— Deixa eu ver!

— Ai, eu tenho medo.

— Ela tá morta?

— Ela morde?

— Aaaiii que bonitinha!

— Calma, calma, calma, disse Maria. Ela tá vivinha, só está meio quietinha, precisa descansar.

— Vamos pedir ajuda pra dona da casa.

— Será que tem alguém lá dentro?

— Não é casa, é escola – disse o avô, sentado à sombra do banco lá de fora.

Muito interessadas, as crianças foram correndo espiar na janela da tal casa amarela.

- Olha, tem um monte de criança!
- Credo que bagunça.
- Cuidado com a tartaruga.
- Acho que eu conheço aquela menina de ponta-cabeça ali.
- É a Daniela, do Jardim Estela.
- Cadê a mãe dela?
- Ah, mas isso não é casa, Gabriela, é escola, tem que procurar a professora – insistiu o avô.

Uma mulher com um chapéu comprido se aproximou do vidro com as mãos cheias de tinta e disse, num riso sabido:

— Pois, não? O que vocês estão fazendo aí do lado de fora, crianças sapecas? Cheguem mais perto... e numa voz rouca e louca movendo os dedos borrados pelo ar continuou:

— Eu sou o gênio dos desejos amarelos.

Toda molecada lá de dentro caiu em gargalhada e algazarra.

— É sério pessoal, muito muito muito sério (continuou o tal gênio-artista-educador).

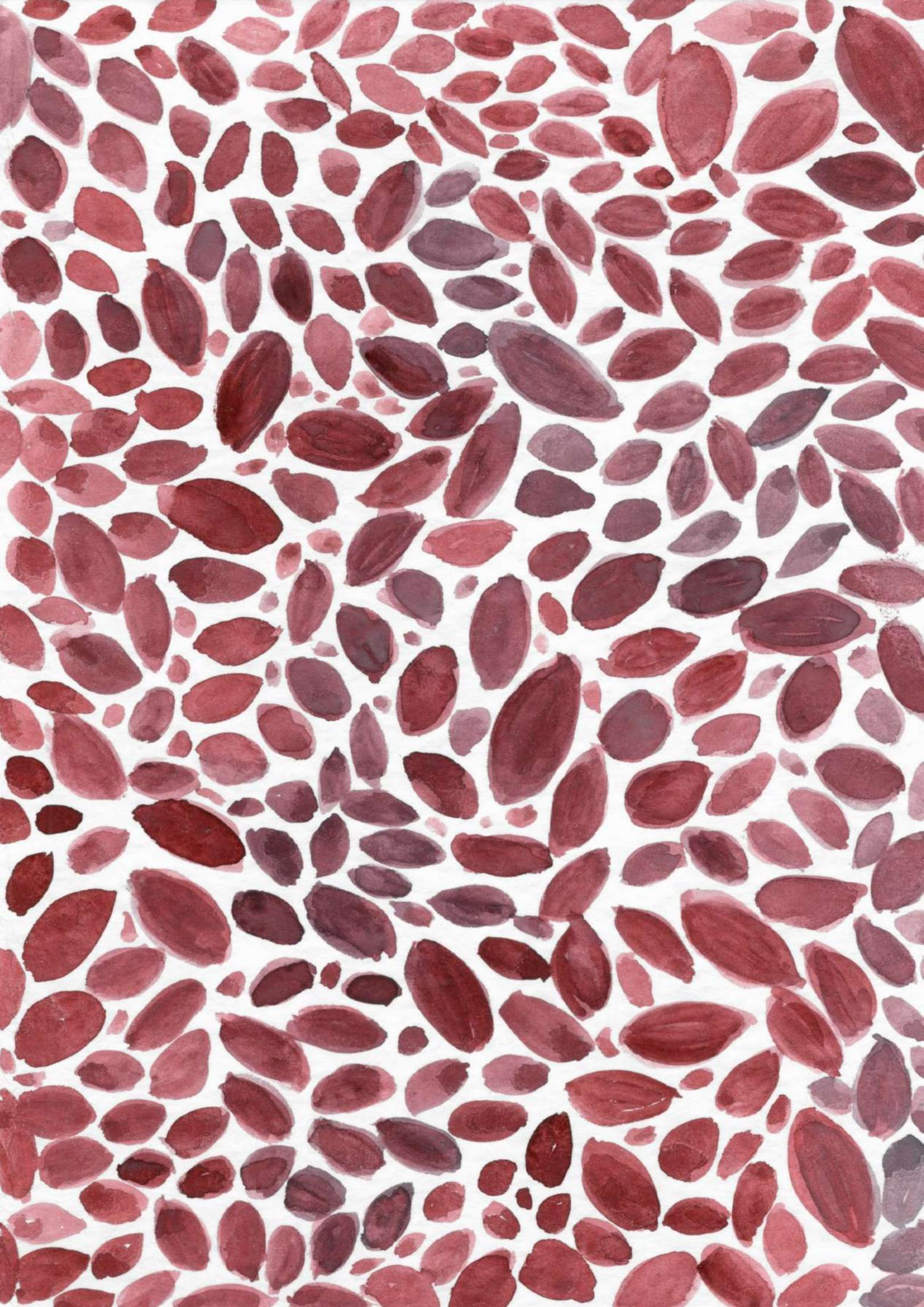
E num acorde maior, um outro moço se juntou com uma violinha no peito, declamou:

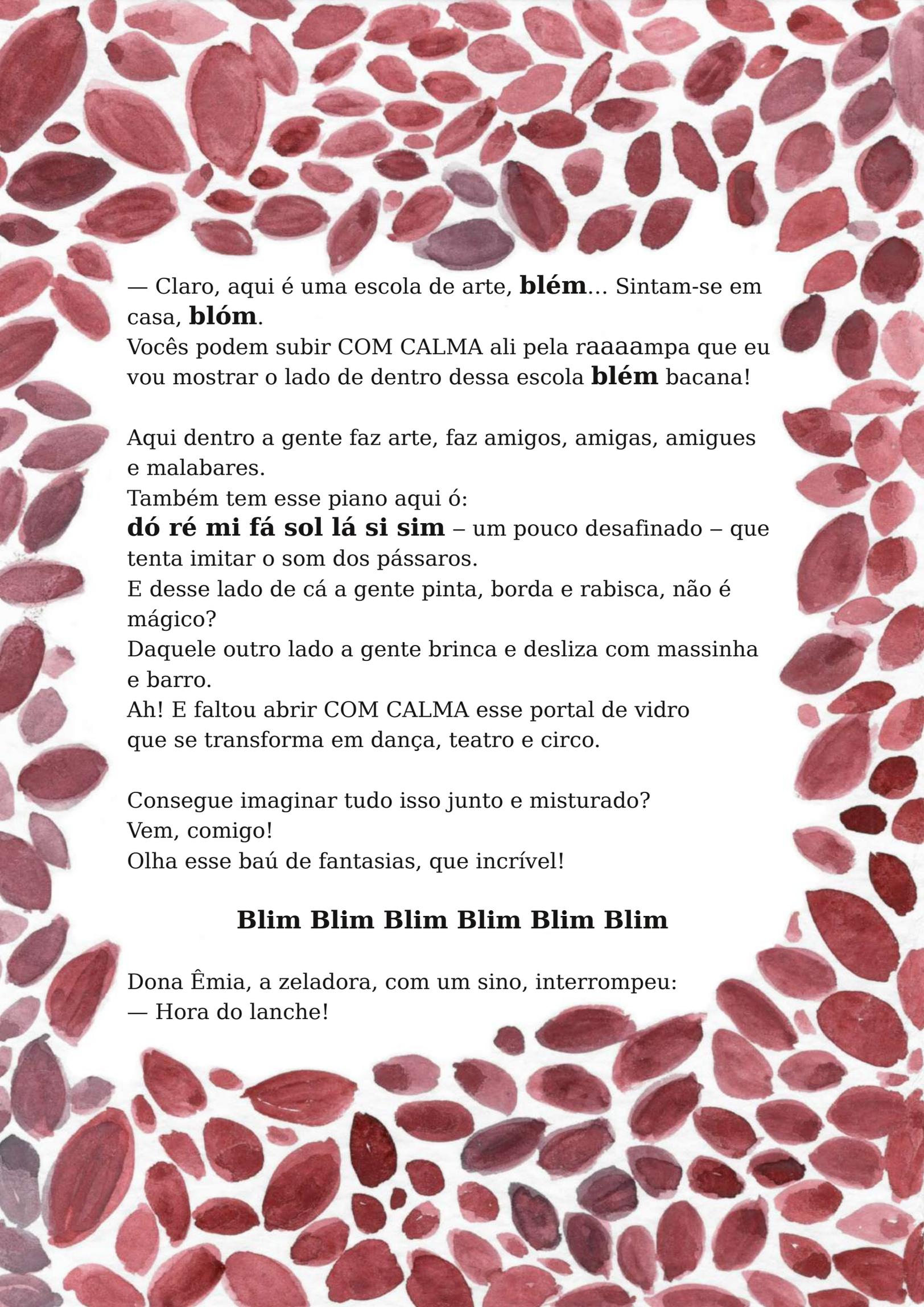
— Essa é uma casa muito engraçada, de porta aberta pra criançada...

Maria, um pouco aflita, atropelou a cantoria:

— Desculpa, moço, o que é aí? Acabamos de levar um baita susto com essa tartaruguinha no caminho. Precisamos de água e auxílio. Podemos entrar?







— Claro, aqui é uma escola de arte, **blém**... Sintam-se em casa, **blóm**.

Vocês podem subir COM CALMA ali pela raaaampa que eu vou mostrar o lado de dentro dessa escola **blém** bacana!

Aqui dentro a gente faz arte, faz amigos, amigas, amigues e malabares.

Também tem esse piano aqui ó:

dó ré mi fá sol lá si sim – um pouco desafinado – que tenta imitar o som dos pássaros.

E desse lado de cá a gente pinta, borda e rabisca, não é mágico?

Daquele outro lado a gente brinca e desliza com massinha e barro.

Ah! E faltou abrir COM CALMA esse portal de vidro que se transforma em dança, teatro e circo.

Consegue imaginar tudo isso junto e misturado?

Vem, comigo!

Olha esse baú de fantasias, que incrível!

Blim Blim Blim Blim Blim Blim

Dona Êmia, a zeladora, com um sino, interrompeu:

— Hora do lanche!

— Olha, ora, ora, ora, que maravilha! Hoje temos visita? Quem é essa turma bonita?

— Essa é a Pati, ela é a Lua e eu sou Vicente, adiantou o menorzinho.

— E eu sou a Maria. Aconteceu um acidente, essa tartaruga cruzou o meu caminho...

E todos começaram a falar ao mesmo tempo sobre o ocorrido. Dona Êmia pediu silêncio e foi atendida com muito respeito.

— Ta... tá... tar... tarú... u... u... Uga?

A criançada gargalhou com o jeito engasgado que dona Êmia pronunciou a palavra.

E aquelas risadas fizeram o casco de Uga tremer como um despertador antigo no colo de Maria, que sensivelmente percebeu que a tartaruga queria mesmo era alcançar o chão.



Dona Êmia fez um gesto de calma com as mãos para a turma toda.

Se curvou.

Ajoelhou.

Abaixou ainda mais mais e mais um pouquinho

Uga e Êmia ficaram, então, frente a frente,
cara a cara,

destino a destino.

Trocaram um olhar profundo, daquele mundo que não precisa de palavras.

Cabrum!

Uma chuva inesperada!

Dona Êmia, emocionada, foi se levantando junto com o barulho do trovão.

Uga rebolou um pouco e deu passos firmes na sua direção.

Elas estavam, trinta anos depois, lado a lado.

Novamente se olharam.

Agora de baixo pra cima e de cima pra baixo.

Sorriram e lacrimejaram.

Clap Clap Clap Clap Clap Clap

Como num espetáculo, receberam os aplausos de toda gente ali presente.

Até que, de repente, a luz da sala se apagou.

Os pingos da chuva lá de fora se somavam aos pingos das perguntas lá de dentro:

— Cadê o bolo?

— Eu quero pipOOOOoca...

— Vai ter refri ou é só leite rosa?

— Espera espera espera. Faltou pegar a vela!

Hoje é dia de festa



na casa amarela!







Fim

MÃO NA MASSA

Neste livro, as ilustrações foram feitas a partir das técnicas visuais da COLAGEM. A ilustração é uma das melhores amigas do texto, porque se conheceram e cresceram juntas, conversando entre si, propondo um jogo entre palavras e imagens, cores e sensações.

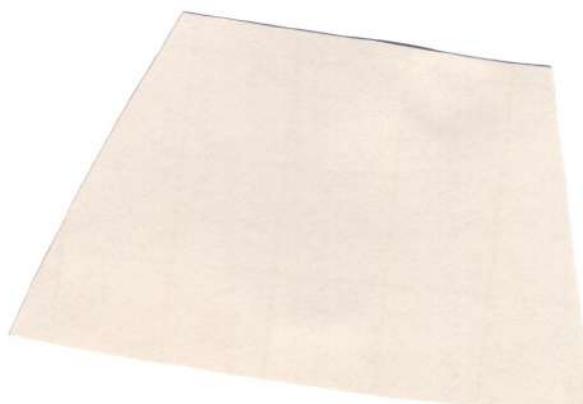
Antes de fechar o livro, podemos inventar uma imagem nova para a saga da tartaruga, ou mesmo copiar a que você mais gostou. Vamos experimentar?

DICAS

- ✿ Escolha um lugar tranquilo e iluminado da sua casa. Se possível, use uma mesa como apoio e forre o local com jornal ou plástico para ser mais fácil de limpar quando terminar.

MATERIAIS

- Cola
- ✿ Tesoura sem ponta
- Diversos tipos de papéis coloridos (ou jornal, revista e até mesmo pintar com lápis e giz de cor para recortar).
- ✿ Uma folha de papel mais resistente para ser a base da sua ilustração.
- Sua imaginação!



Vamos começar?

(Peça ajuda para algum adulto, se precisar!)

- ☀ Pegue a folha de base que você escolheu, imagine ou recrie alguma das cenas da história.
- ☀ Você pode fazer um desenho com o lápis grafite bem de leve para que não marque a folha. Isso é o seu esboço.
- ☀ Pegue os papéis coloridos e recorte as formas já desenhadas. Tente construir o seu desenho em recorte com camadas. Ou seja, para criar as formas, você pode colocar um papel por cima do outro.
- ☀ Tenha paciência, faça toda a composição com os recortes sobre a folha de base antes de começar a colar.
- ☀ Quando estiver satisfeito, cole todas as formas na folha de base e veja se ainda há mais algum detalhe a ser feito.
- ☀ Ao terminar, espere a cola secar antes de mostrar para sua família e amigos.

Depois, se você quiser, mande uma foto da sua ilustração para o email da Dona Êmia da casa amarela: emiafeldman@gmail.com



EQUIPE PEDAGÓGICA DA EMIA ARON FELDMAN



Caio Andreatta é músico, compositor, arranjador, produtor musical e artista educador. Estudou Cinema Digital e se formou em Música com habilitação em Composição. Nascido em família de músicos, em São Bernardo do Campo, no ano de 1988, aprendeu sobre a arte de ser amigo de ruídos, batidas e melodias. Gosta de se arriscar no experimento das sonoridades em geral, sobretudo com a prática da bateria, do violão e do convívio com as crianças em sala de aula. Em breve lançará um livro-guia de bolso para jovens aprendizes de violão.



Denise Bruno ou **palhace "Reco-reco"** (se o público preferir), quando menina, dançou no circo de lona instalado no campinho de futebol em frente da sua casa. Aprendeu novas brincadeiras e jogos e assistiu a várias coisas engraçadas e difíceis. Dizem que rolou no picadeiro e a serragem entrou no seu sangue e a palhaçaria tomou conta do seu corpo. Segue dançando e brincando com a *CIA Três Entradas*, em casa, na rua e agora na EMIA.



Fabio Marques é artista visual, músico, cenógrafo, luthier experimental e artista professor. Em Artes Visuais transita pela escultura, pintura, cerâmica e xilogravura. Na música participa de dois grupos onde as Artes Visuais estão inseridas junto a lutheria: o *GEM (Grupo Experimental de Música)* e o grupo *Fabricantes de Planetas*. Faz trilhas sonoras para Cinema, espetáculos de Teatro e Dança. Há 23 anos atua no campo da arte-educação ministrando aulas de música e artes visuais em escolas públicas, projetos sociais e empresas.



Maíra Vaz Valente é professora de Artes Visuais da EMIA e neste livro fez as ilustrações e a capa. Começou a pintar com 11 anos de idade, mas só com 21 teve a certeza de que queria ser artista. Gosta tanto de pesquisar e estudar que decidiu fazer faculdade. Ingressou no curso de Licenciatura em Artes Visuais na ECA-USP em 2004, e já no ano

seguinte mergulhou na Performance Arte e no ensino de arte. Hoje, como artista, circula para realizar suas ações e encontrar seu público. Nasceu em 1981 em São Bernardo do Campo, mora em São Paulo.



Michele Navarro é atriz, bailarina, educadora, escritora e mãe de adolescente. Neste livro ela transformou a história da saga da tartaruga em texto. Nascida no ano de 1979, na cidade de São Caetano do Sul (SP), formou-se em Dança pela UNICAMP e em Teatro pela Escola Livre de Teatro de Santo André. É artista integrante da *Cia Les Commediens Tropicales*, rege a coordenação pedagógica da EMIA, faz palavras cruzadas pra se distrair, escreve poemas com letras minúsculas, gosta de ler em voz alta, vez ou outra mistura doce com salgado e costuma dançar um pouco por aí.



Paula Pedroso estudou Artes Plásticas na Escola de Comunicações e Artes da USP e se formou no ano de 1994. Aprendeu um pouco de tudo: Desenho, Pintura, Escultura, Cerâmica, História da Arte, Fotografia e Gravura, sendo esta última, a linguagem que escolheu para compor a sua poética como artista. Foi educadora em exposições por 16 anos, viajou para muitos lugares, fez residência artística em Macau (China), expôs suas obras aqui e no exterior e atualmente é professora de Artes Visuais para crianças na EMIA. Neste livro, ela fez o roteiro da saga da tartaruga, a diagramação e o tratamento de todas as imagens.



Valéria Rocha gosta de ouvir e contar histórias desde pequena. Para ela o Teatro é esse lugar de compartilhar histórias e experiências. Como gosta de fazer Teatro “junto”, trabalha em três grupos de processos colaborativos que ajudou a fundar: *Núcleo Atômico*, *28 Patas Furiosas* e *Coletivo Quizumba*. Em 2005, se formou na UNESP em Artes Cênicas (Licenciatura) e, como achou que sua cabeça estava muito maior do que seu corpo, em 2009, veio estudar em Santo André, SP, na Escola Livre de Teatro. Hoje é atriz, produtora e artista educadora e adora os lugares por onde passou e passa.

FICHA TÉCNICA

Secretária de Cultura Simone Zárate

Secretária Adjunta de Cultura Azê Diniz

Diretor do Departamento de Cultura Gabriel Guedes Rapassi

Assessora de Diretoria Valéria Fonseca

Gerente de Incentivo à Criação Artística Vânia Cristina Ribeiro

Coordenador do Programa de Incentivo à Criação Artística Antonio Inácio Siqueira Junior

Encarregada de Oficinas Culturais Mariana França

Apoio Gabriela Simioni

ESCOLA MUNICIPAL DE INICIAÇÃO ARTÍSTICA ARON FELDMAN

Encarregada Silvia Biedermann

Coordenadora Michele Navarro

Apoio Sidnei Marcio de Oliveira e Valdira Correia M. de Medeiros

Artistas educadores Denise Bruno (circo), Paula Pedroso (artes visuais), Caio Andreatta (música), Fabio Marques (artes visuais e cerâmica), Maíra Vaz Valente (artes visuais), Valeria Rocha (teatro)

ENDEREÇOS

Escola Municipal de Iniciação Artística Aron Feldman
Avenida Itamarati, 536 - Vila Curuçá

 11 4476.7437

 EMIA Aron Feldman - Santo André

 @emiafeldman

 culturaz.santoandre.sp.gov.br/agente/24/

Gerência de Incentivo à Criação Artística
Secretaria de Cultura de Santo André
Praça IV Centenário, S/Nº - Centro

 11 4433.0765

 Secretaria de Cultura de Santo André

 www2.santoandre.sp.gov.br

Agenda Cultural de Santo André

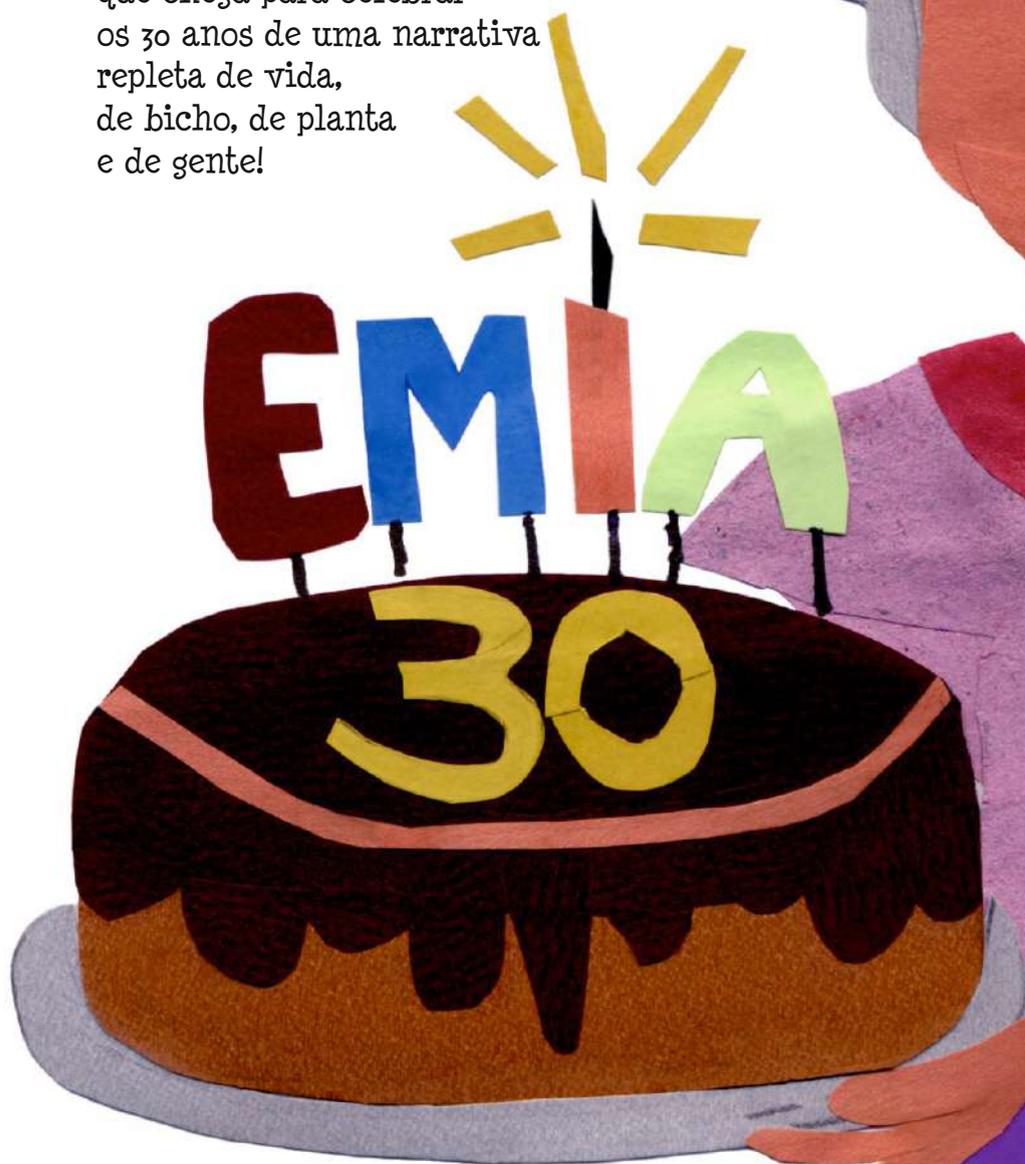
 www3.santoandre.sp.gov.br/agendacultural/



Olá! Eu sou a Dona Êmia.
Vivo numa casa amarela
que vive dentro de um parque
que vive dentro de uma cidade
cheia de histórias pra contar.

Essa casa amarela é também uma escola
e por isso ela não é só minha, é nossa!
Você pode imaginar?

Este livro é um presente
que chega para celebrar
os 30 anos de uma narrativa
repleta de vida,
de bicho, de planta
e de gente!



**Parabéns à EMIA Aron Feldman,
a Escola Municipal de Iniciação Artística!**



PREFEITURA DE
SANTO ANDRÉ